



**CÂMARA DOS DEPUTADOS**

**PROJETO DE LEI N.º 5.568, DE 2019**  
**(Do Sr. Alceu Moreira)**

Declara o "Tabaco Mata Fina" Patrimônio Cultural do Brasil.

**DESPACHO:**  
ÀS COMISSÕES DE:  
CULTURA E  
CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA (ART. 54 RICD)

**APRECIACÃO:**  
Proposição Sujeita à Apreciação Conclusiva pelas Comissões - Art. 24 II

**PUBLICAÇÃO INICIAL**  
Art. 137, caput - RICD

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica declarado Patrimônio Cultural do Brasil o “Tabaco Mata Fina”, proveniente da região do Recôncavo, no Estado da Bahia.

Art. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

## JUSTIFICAÇÃO

Originário da região andina e consumido pelas civilizações pré-colombianas, o tabaco tinha caráter sagrado e era utilizado pelos povos indígenas em rituais ou para fins medicinais. Seu uso se dava de diferentes modos: os nativos comiam, bebiam, mascavam e aspiravam, mas o principal deles era o fumo.

Na verdade, o uso do tabaco está presente na história da sociedade pelo menos desde o século XV, tendo sido, ao longo do tempo, consumido de diferentes formas. Os europeus tiveram contato com a planta, pela primeira vez, em 1492, quando Cristóvão Colombo chegou à América. Segundo historiadores, em novembro daquele ano, os europeus conheceram o hábito indígena de fumar.

No entanto, foram necessárias quase quatro décadas para que a planta nativa chegasse à Europa. Em 1530, o tabaco passou a ser cultivado pela família real portuguesa, inicialmente, com finalidades medicinais. Já em 1560, o então embaixador francês em Portugal, Jean Nicot (cujo sobrenome originou o nome científico da planta “nicotiana”) enviou tabaco à rainha Catherina de Médicis para tratamento de sua enxaqueca. A rainha teria dado início ao hábito de fumar, que foi rapidamente difundido entre a nobreza francesa e, posteriormente, entre os demais países da Europa.

Neste mesmo período, os colonos portugueses iniciaram o cultivo do tabaco em lavouras no Brasil para consumo próprio. O excedente passou a ser comercializado com a Europa. Inicialmente, a produção se concentrava no Recôncavo Baiano, mas sua cultura se espalhava desde Salvador até o Recife.

Considerado ciclo econômico secundário durante o período colonial de nossa história, o cultivo do fumo foi, muito pelo contrário, atividade essencial. Tudo porque unia qualidades indiscutíveis como facilidade de plantio e alto valor comercial, além de servir como moeda de troca no comércio escravagista.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII favoreceu a elevação de renda dos pequenos agricultores e o surgimento de uma rica oligarquia na Bahia que mais tarde aplicaria seus capitais num primeiro surto de industrialização. No século XIX, sobretudo após a independência política do Brasil, as lavouras de tabaco expandiram-se rapidamente por outros pontos do território nacional.

Ainda hoje, o Brasil tem na região do Recôncavo baiano o local ideal para cultivar tabaco da mais alta qualidade, e é nessa região que estão instalados os produtores de charutos brasileiros que cultivam dois tipos de fumo de alta qualidade: o Mata Fina e o Mata Norte. Essas variações do tabaco plantado no Recôncavo baiano recebem o nome de acordo com a região onde são plantados, ao invés de se utilizar o nome da planta. Eles estão classificados entre os melhores tabacos do mundo, com características próprias conferidas pelo solo e clima baiano.

Segundo o Sindicato da Indústria do Tabaco no Estado da Bahia (SINDITABACO), Mata Fina é a principal região produtora de tabaco hoje. O solo arenoso recebe uma média de 1.200 mm de chuva por ano e todo o tabaco é *Sun Grown* (cultivado no sol). As capas são colhidas uma a uma e depois secadas em celeiros, enquanto o tabaco para o miolo e capote são colhidos cortando-se a planta inteira e depois deixando-a secar. O Tabaco Mata Fina é considerado pelos especialistas o de melhor qualidade, por ser suave, adocicado e altamente aromático.

O tabaco brasileiro é cada vez mais valorizado no mundo. Além dos diversos charutos nacionais cada vez mais exportados, há inúmeras fábricas em Honduras, Nicarágua e República Dominicana que já utilizam o tabaco brasileiro em seus *blends*, produzindo charutos de primeira qualidade, com excelente aceitação no mercado norte-americano e europeu.

Embora não seja oficialmente declarado, o tabaco é patrimônio histórico da Bahia. A cultura existe há 450 anos e o Recôncavo baiano é quase marca registrada dos charutos que nele se fabricam há cerca de dois séculos.

Mesmo com todas as campanhas antitabagistas da atualidade, este produto tem sua importância histórica e cultural – herança das riquezas do Império – reconhecida até os dias atuais no **Brasão das Armas da República**, onde um ramo de tabaco e o ramo de café constituem o coroamento deste símbolo da nacionalidade brasileira.

Esperamos, pois, ter o apoio de meus Pares para que o “Tabaco Mata Fina”, produzido no Recôncavo baiano e considerado um dos melhores do mundo, possa ter seu reconhecimento como Patrimônio Cultural do Brasil.

Sala das Sessões, 16 de outubro de 2019.

Deputado **ALCEU MOREIRA**

**FIM DO DOCUMENTO**